A Igreja é Roma

MAIKE CABRAL

Pax romana

2024

Quando estudamos, como cristãos, a crítica histórica sobre a autenticidade do homem Jesus, sentimos um embaraço interno, como que uma azia profunda que pode se exteriorizar em forma de dúvida: "*Seria mesmo um mito*?". Tal questão é de fácil digestão se o cristão for consciencioso e fiel, mas pode ser obscura e tentadora se for por demais obsediado pela perspicácia lógica. Basta saber a qual lado pertencemos, já que a pura fé se serve da razão, enquanto a pura razão tripudia da mesma.

Semelhante dubiedade encontramos na discussão acerca do *quê é a Igreja*. Seria ela uma invenção estatal e humana; seria ela um estado de espírito comunitário mais elevado; ou seria ela uma metamorfose ambulante de séculos de imperialismo pagão? São questões, novamente, de dar azia aos homens que pela fé se ancoram na realidade. Mas acredito que elas surjam, de fato, para o bem da própria fé - e como fármaco para tal pirose retroesternal introjetada pela sanha racionalista moderna.

Acontece que a Igreja, como realidade histórica, é indissociável do homem Jesus do mesmo modo que o homem Jesus jamais poderá estar da própria ideia de Igreja - seja ela uma invenção estatal, um estado de espírito ou uma metamorfose pagã. Jesus é a Igreja tanto quanto a Igreja é Jesus por extensividade de ação. Pelo menos nisso cremos, tendo como fundamento as próprias palavras evangélicas. Ele a iniciou, Ele a terminará. Cabe agora, pessoalmente, decidir crer ou não crer em tal paridade substancial entre Cristo e a Igreja.

Para um digno cristão, a crítica histórica jamais interferirá na experiência de encontro verdadeiro com Cristo pela Igreja. Se isto acontece, é sinal de que a dignidade do cristão se converteu em lógica, perdendo assim, todo seu olor genuíno. Se tal não vem ao caso, um mero acaso não pode ser causa de toda a força imposta ao ato: o ato de fé. A fé que, embora saiba que na história Jesus viveu e era homem, crê em sua divindade e em sua coextensividade institutiva. Porque seria a "crítica" recente juíza de validação deste encontro a partir dela após dois mil anos de tradição? Preferimos a autoridade de sua palavra.

Talvez a mente ingênua dos burocratas históricos não seja capaz de perceber a infindável teia de convergências guardada na simples menção deste nome. Jesus, homem verdadeiro e Deus verdadeiro, cumpriu uma obra verdadeira no campo da história, independentemente do visto ou quisto no rodapé das obras históricas de origem exclusivamente humana. Deixou o espírito evangélico para atestar aquilo que a própria ciência do passado foi incapaz de tragar, e ao longo de muitos séculos, reluziu sua presença no mundo através de uma instituição sólida e tangível - que se tornou o terror dos pagãos e dos mercenários do templo: a Igreja.

Embora a sedução pela prova histórica seja um desilustre apagão da fé, a crença austera sobre a usurpação de suas palavras pela "máquina" estatal, comunitária ou imperial de índole eclesiástica, é ainda mais obscura. Esta pecha só existe pela falta de fé na pessoa, e não pela falta de amor à instituição. Quando ouvimos declarações acerca da autenticidade da Igreja enquanto instituição estamos, na verdade, ouvindo reclames

acerca da autenticidade de Jesus Cristo enquanto Deus e sujeito histórico. Este é o fundo noético da questão: a descrença insincera sobre uma pessoa divina agindo historicamente.

A extensão da vida de Jesus como continuidade de sua encarnação divina na Igreja é matéria de fé e um verdadeiro dogma da religião cristã. Sem isto, o cristianismo seria mais uma dentre tantas religiões que se esforçam para encontrar a Deus - sendo que nele Deus vem a nosso encontro. Mas o que isto representa para aqueles que não comungam da fé? Absolutamente nada, a não ser, um argumento para agir e dominar. E foi pela ideia de dominação que os detratores da Igreja impuseram o mito da *religião constantina*, afim de acusá-la de ser uma invenção imperial bastante vantajosa do ponto de vista político da época. Este, provavelmente, foi o terreno onde eclodiu tal suspeição, sendo muito mais útil do que apenas conflagá-la sob o libelo supostamente pagão de suas práticas.

Acontece que toda essa mixórdia especulativa fere não só a relação que há entre a história e a religião mas, inclusive, a relação que pode haver entre essas duas e a política. Nenhum Estado moderno está disposto a aceitar crenças que transcendam seu caráter pragmático e empírico. Quando muito, tolera-as. Mas até a tolerância tem limites, regurgitam alguns que se encontram às favas com o assunto, pois é preciso, pela via política - em tempo de tão altas luzes! -, desmistificar todo e qualquer fruto de presunção divina daquilo que, para os faustos doutores, não passa de Estado!

Pois então, volvemos à questão. O cristianismo, sim, também é um Estado, mas um Estado de outra ordem, outra natureza, ou melhor, de sobrenatureza. A Igreja representa a extensão carnal de uma vida humana unida ao divino por este Estado, e isto, de fato, nos lembra uma característica puramente romana: o culto aos césares. Esta é a acusação implícita. Então, obviamente, nesta cisma há uma mistura aguada de ranço imperalista e purismo anti pagão que sobreeleva a intenção interna de encontrar o cristianismo do espírito, puríssimo, não o pagão, não o da carne. Porém, sem a carne o cristianismo se torna um culto pirronico professado justamente pelos aceclas da razão a todo custo, que sem notarem, se desapegam da humanidade de Jesus pelo desapego à autoridade da Igreja - e essa é a maldição do imbróglio.

A Igreja não é, essencialmente, uma estrutura política, e sim, uma estrutura hierárquica que se expressa politicamente. Mas a dimensão política a compõe, como o intestino compõe o corpo de um crente que reza - é uma parte fétida, mas necessária. Um componente sem o qual toda a estrutura se compromete, tendo em vista a excelsa missão que lhe foi confiada: "*ide, ensinai o evangelho a todos*". Para cumprir este fim a Igreja teve que se constituir politicamente no mundo. Portanto, não é justo nem necessário - nem mesmo inteligente - preencindir de um domínio tão caro à consecução deste plano. Seria bobagem acreditar que somente pelo palavreado espontâneo o mundo inteiro se convertesse, absorto pela nobreza do credo. Era necessário à causa o domínio político do mundo para o domínio dos próprios corações - e também dos demônios pagãos - através do império político legado por Roma.

Quando acusada de ser uma invenção romana a Igreja Católica, através de seus membros mais esclarecidos, sempre argumenta na clave dos dados históricos sólidos e razoáveis que evidentemente comprovam sua preexistência, sob a forma de um *corpus ecclesiae* concreto, em relação ao seu caráter político apreendido posteriormente. Isto é fato notório se analisarmos os escritos dos antigos padres. Ninguém "inventou" a Igreja

Estado a partir de um edito. Ela passou, sim, a um outro nível, a um outro patamar de composição orgânica ao publicarem o documento de Milão. E a razão não foi um mero jogo burocrático, mas um objetivo divino longanimemente planificado. Muitos séculos foram necessários para que todo o orbe terrestre se encontrasse "globalizado" e unificado a ponto de receber a inserção da pequena semente teândrica que fez crescer, ali, no terreno antes banhado pelo seu sangue inocente, uma grande árvore repleta de ramos e frutos, cuja raiz entranha tão fundo no solo que seu tronco, firme e maciço, se erige até hoje como madeiro de todos os povos: a Igreja Católica Apostólica Romana.

Eis porque somos romanos. Somos romanos porque Jesus Cristo, Deus e homem, nasceu da Virgem Santíssima em terra romana; em mundo e tempo romano; e só uma Igreja romana poderia continuar sua ação de forma empírica - segundo a unidade de sua essência. Isto não quer dizer que sua estirpe seja romana, mas que sua presença se deu em ambiente romano e que somente a figura e presença deste Deus no império mundial romano poderia reverter e aplacar a angústia pavorosa daqueles cesáres, pouco a pouco impregnada na alma daquele mundo severamente massificado, transformando-os em augusta vitória para os homens!

A mais alta prova de sua insurgência em império mundial da fé foi justamente isto, a vitória humana diante da dor e do desespero testemunhada, principalmente, sob a ótica do "espetácular" martírio. Nele, a humanidade de Jesus Cristo mostrou sua atividade atual na humanidade de milhares de vítimas das bestas feras. Ali, o homem soprepujou a insanidade do Estado imperial pela virtude divina, encantando os olhos de Deus para uma profusiva e futura conversão. Essa conversão está relacionada ao modo pelo qual os indivíduos demonstravam sua fé nas mais cáusticas atrocidades inpingidas aos corpos, mas, sobretudo, pelas mais altas virtudes vivenciadas por suas almas. O martírio, sim, foi o grande salto que sobrepujou o Estado romano de toda a sanha pagã de seus demônios correligionários.

A partir do momento em que a Igreja triunfou sobre as misérias do corpo, impostas aos mártires pela máquina assassina dos cesáres, ela pode revivificar, como num sacramento, a alma daquela humanidade solapada por séculos e séculos de religiosidade pagã, nacionalista e caduca. Ela se organizou dentro de um vasto mundo de víboras, porém, não foi esta a causa de tão maravilhosa conversão. A principal força que sepultou a cidade antiga dos homens - e seus pés de barro tão preconizados - não foi a estrutura política e seus meios, mas a fé viva e seus fins. A cidade nova se ergueu no interior da cova mais obscura e tirânica que o mundo já conheceu, numa aliança de sangue, lágrimas e esperança.

E a fé venceu dentro da arena onde a máxima secular predizia os grandes feitos do homem. Venceu porque Deus é irresistível e onde sopra as peças do tabuleiro se movem rumo à mais santa direção. E uma dessas peças foi o coração um imperador, que a despeito de suas aspirações monarquicas absolutistas, ousou refrear o consuetudinário impulso da plebe: derramamento de sangue como forma de manutenção da coesão social. Isto foi feito por linhas tortas e direção reta. Foi feito por Deus. Pouco importava as razões de seus instrumentos humanos, seu estandarte foi levantado; em meio ao ocaso de um mundo perdido; frente o destino agonizante dos inocentes; pela via do império que ruia e fazia

ruir toda a sede humana pelo bem. O homem Jesus venceu quando o primeiro César cedeu à graça.

As velhas acusações que recaem sobre a Igreja - e de como supostamente foi criada como instituição secular para sustentar um Estado sanguinário já pútrido - tem sua razão de ser apenas no fato histórico de seu maior feito: a conversão do mundo pagão. Ela converteu o mundo, mesmo que por vias "políticas". Bastou, de início, a liberdade para que a conversão viesse a galope. Vale lembrar, inclusive, que tal conversão não começou no momento em que ela se tornou salvaguardada pelo Estado. Começou quando o próprio Estado a perseguiu lavando seu solo com o sangue do próprio Jesus e seus membros. Foi seu sangue unido ao sangue dos mártires que solapou a escória dos demônios pouco a pouco, impregnando seu espírito no mais profundo recôndito do império, e, implementando sua nova ordem mundial: a fé.

Quando um detrator da Igreja - que é um detrator da fé - nos impõe objeções seculares acerca da origem da instituição eclesiástica relacionando-a, apenas, à uma manobra política de Constantino, isto deve ser tomado por nós, católicos romanos, como um sintoma. Sintoma da mais discreta falência moral, fruto da mais rasteira ignorância histórica. Não devemos refutá-los com brados e negações acerca de suas alegações sobre tais acontecimentos. Devemos confirmá-los com certeiras afirmações a respeito da verdadeira manobra divina, que elevou um império de iniquidade a um império de fé, pela simples conversão de um César! Digamos: *"Sim, a Igreja como império mundial da fé nasce em Constantino por vontade divina!"* - mas somente após ser gerada por Cristo nos apóstolos.

Em geral, tais objeções tem como alvo exclusivo a Igreja Católica. As demais congregações cristãs não se inculcam por tais menosprezos ou asserções, pelo contrário, as utilizam conforme o prado para justificação de seus sentimentos de independência e "pureza". A grande lástima recai sobre aquela que afirma ser una e ainda reconhece tudo aquilo que nela há de romano. Pois a Igreja assimilou Roma, o mundo conhecido, o universo humano unificado. E como só aquilo que é uno pode se inferir universalidade, o cômico da história é que só o que é universal pode se dizer romano! Já que a civilização da loba foi justamente aquela que consiguiu tal feito. Roma teve o mérito - mesmo que pelas vias mais odiendas - de unificar o mundo, planificá-lo, ordená-lo politicamente de uma tal forma que, bastou a boa semente cair do céu em seu canteiro, para em menos de três séculos ela se tornasse uma grande árvore da vida.

Roma foi isso, a infraestrutura para o reino milenar da fé. Reino este que não se confunde identicamente à cidade de Deus, mas que pelo menos a refletiu no ambiente humano mais elementar: a política. Seu método foi o pecado, mas este se curvou à graça. Sua função foi a reunião indigna, que se transmutou em comunhão dos santos. Roma se tornou um espectro político conservado pela penúria econômica antes do grande abalo. Bastou-lhe encontrar uma luz para se abrigar de sua própria escuridão. Quando percebeu a Igreja e sua rede de colaboração caridosa permeando as tubulações vasculares de sua falsa moralidade cívica, já havia sucumbido! Não por um golpe dela, mas por um instinto de sobrevivência orgânico. Roma foi a mais brutal e dolorosa permissão de Deus.

Aquilo que de mais importante Roma legou à Igreja foi seu sistema de leis - uma fusão democrática, aristocrática e monarquica que, de certo modo, se cristalizou no

projeto concreto da *Pax romana*. Isto foi o sedimento romano que assimilamos e nos permite dizer em alto e bom tom: a Igreja é Roma! O estatuto advindo de seu corpo de códigos legislativos foi incorporado pela cristandade, que reformulou aqui e ali as contas de seu crudelismo inato; transformou a matriz de suas arque disposições despóticas em condutores ativos da nova fé; revitalizou o antigo e opressor direito em favor de uma nova ordem dispositiva. Enfim, o que a Igreja fez com Roma, no sentido da espiritualidade foi o que Roma fez com o mundo no sentido da apropriação de seus bens. Transfiguramos um corpo social leproso, da morte para a vida.

Assim, a Igreja também, em certo grau, se impregnou de elementos estruturais do antigo império, da antiga cidade, da antiga ordem mundial. A própria arquitetura, o calendário, certas formas artísticas, a língua latina, tantos foram os recursos romanos elevados a um grau superior de sentido e uso em seu organismo visível. Isto não é demérito algum, e sim, virtude. Virtude de converter um moribundo Estado em fonte de renovação humana e espiritual, incorporando-o a si em seus aspectos mais úteis e benéficos para a missão de evangelizar o mundo. Por esta razão não nos cabe o despeito em relação à acusação constantina. O que se pede, neste caso, é uma visão profunda do processo, que não se resume a uma mera intrusão oportunista e licensiosa de um domínio político sobre outro, mas, a uma acepção mais radical e teleológica do processo: a perspectiva das novas formas civilizacionais que surgiram a ponto de infundir, no mundo, os caracteres de um reino transcendente e essencialmente diverso do anterior.

A fé em Jesus Cristo transformou Roma em Igreja e não a Igreja em Roma - como seus *constantes* desafetos proclamam a quatro ventos. A grande trave que habita os olhos que assim vêem é o fato de que a Igreja se tornou senhora do mundo, se tornou Roma. Isto fez a submissão à ela ser matéria de ordem e sustentação do mundo. Agora, após um milênio *Pax Ecclesiae*, as forças infernais que obssediavam Roma querem retomar seu posto, impingindo um movimento inverso na tentativa insana de se tornar "Igreja". E essa é a raiz moral que subjaz nas entranhas da controvérsia constantina: a vontade de poder, de poder ser *Igreja*!

Roma nunca será Igreja porque seu papel no mundo foi consumado: ser *Orbis*, reunindo pelo pecado as multidões para a graça. Mas a Igreja, sim, é Roma, reflexo visível da *Urbs* divina, mesmo que sob uma condição - ser seu contrário, o amor.

…